

Ives Gandra
da Silva Martins

O
Caçador
Caçado


Pax & Spes



Ives Gandra da Silva Martins

da Academia Paulista de Letras

O CAÇADOR CAÇADO

Trabalho de juventude,
composto aos 17 anos,
de Janeiro a Outubro 1952.

Direitos desta edição pertencentes a
Ives Gandra da Silva Martins

2009

Em 1952, era leitor apaixonado das peças teatrais clássicas de Aristófanes, Esquilo, Eurípedes, Flauto, Terêncio, Racine, Molière e Corneille, todas elas com unidade de ação, de lugar e de tempo.

Decidi, então, com 17 anos, escrever, em redondilhas maiores, uma peça com a tríplice unidade, dela resultando O caçador caçado, que continuou manuscrita até encontrá-la entre meus alfarrábios, em fins de 2009.

Formávamos, à época, um grupo de jovens poetas, com ideais que ultrapassavam de muito a realidade. Fundamos, naquele ano, a “Associação de Jovens Artistas”, tendo a peça sido escrita para ser representada pelo grupo, o que nunca ocorreu: os vestibulares e os caminhos da vida nos separaram.

Como homenagem àqueles companheiros de sonhos da meninice, publico-a, agora, em edição particular, com saudades que o tempo não fez decrescer e que nem quero que decresça.

Ives

Sumário

PERSONAGENS	7
ATO I.....	8
ATO II	22
ATO III.....	40
ATO IV	57
ATO V.....	71

O CAÇADOR CAÇADO

PERSONAGENS

ALCEU: caçador, amante de Marcília

ARNALDO: caçador, amigo de João

MARCÍLIA: amante de Alceu, amiga de Laura

CARLOS: amigo de Alceu

JOÃO: amigo de Arnaldo

LAURA: confidente de Marcília

MÁRIO: irmão de Marcília

EDUARDO: empregado de Carlos

PAULO: empregado de Mário

PALCO: a beira de um rio

ATO I

Cena I — ARNALDO E ALCEU

ARNALDO

Por favor, tu me respondas:
O que está te acontecendo?
Tu partes indo p'ra caça
E voltas sem vir de lá.
Não foi, por certo, a perdiz
Que tu andaste preando?
Será que tem mais valor
Aquilo que tu caçaste?
Será que naquelas bandas,
Onde andaste na manhã
Existem aves, que ao tiro
Voando saem pelos céus?

ALCEU

Não vim de lá porque fui
Inexperiente na caça,
Amigo que me prescruta.
Não devia eu responder
Tuas perguntas ousadas,
Porém, não sou tão egoísta,
Que para mim guardar só
Aquilo, que m' é tão belo,
Querer eu faço menção.
(Raciocinando muda de idéia)

Estava a manhã bonita
Quando de casa eu saí,
Do bosque os doces gorjeios
Para o céu se dirigiam;
Parecia que do azul
Luz divina me tocava.
O mais gostoso perfume
As flores me rescendiam.

Feliz, em manhã tão bela,
Tendo n'ombro uma espingarda
E no braço uma sacola,
Eu ia, alegre, cantando.
Entrei no bosque, em que o sol
Era bem claro e saudável
As aves todas brincavam,
Pois chegara a primavera.
A natureza tão pródiga,
Que assim doce se mostrava,
Por completo desmanchou
As minhas más intenções.
Resolvi, então, feliz,
P'ra não perder a manhã,
Por essas terras fecundas
Alegre passeio dar.
Meu amigo, na verdade,
Alegre passeio dei.
Duas horas sem parar
Minhas terras percorri.
Eis porque daquele lado,
Por onde não anda a caça,
Há pouco, cantando vim, Sem caça alguma caçar.

ARNALDO (*sorrindo*)

Então, Alceu das caçadas,
De ares puros teus pulmões,
Neste dia ensolarado,
Encheste das tuas terras?

ALCEU (*também sorrindo*)

É verdade o que te digo,
Por isso até me fez bem.

ARNALDO

Mas quem, Alceu, é que disse
Que em ti não acreditava?

(*Há uma pausa*)

Agora eu te vou contar
O que veio acontecer-me,

Quando por aquelas bandas,
Há dias, durante a caça,
Perdi-me, como um infante.
Como tu viste, hoje, Alceu,
Existe por lá um rancho,
Pousado à beira de um rio.

ALCEU (*empalidecendo*)

Perfeito, meu grande amigo.

ARNALDO

Pois bem, ó meu caro Alceu,
Aquilo que lá eu vi
(olhando para o relógio)
Mas são horas de almoçar
E eu aqui falando estou.
Depois, Alceu, eu te conto
Aquilo que lá eu vi.
Até logo, caçador.

ALCEU

Até logo, meu amigo.
(monologando)
Anda estranho o nosso Arnaldo
Nestes seis ou sete dias.
Será qu'ele descobriu
No bosque a linda Marcília?

Cena II — ALCEU, MARCÍLIA

MARCÍLIA (*chegando um tanto cansada*)

Alceu, meu querido Alceu,
Que custo para te ver.
Saí correndo de casa,
Enquanto mamãe dormia.
Temos tido pouco tempo.
Para que fiquemos juntos.
Será, meu Deus, que esta vida
Não nos leve à nossa união?

ALCEU (*olhando-a admirado, sem prestar atenção*)

Como, querida, o teu rosto
Fica belo, quando rubro.
Até pareço ver Deus
O pintando de carmim.

MARCÍLIA (*ficando rubra*)

Por favor, não me elogies
Não me faças mais corar,
Pois quando assim tu procedes,
Eu sinto de ti vergonha.

ALCEU

Querida, aquilo que é meu
Eu gosto de admirar,
Sendo, portanto, tu minha
Eu quero poder olhar-te.
(*e puxando-a para si*)
Quando ao teu lado, eu me sinto
Um homem muito feliz,
Por favor, não queiras ir-te
Dos braços do teu amante.

MARCÍLIA (*esquivando-se*)

Inda uma vez eu te peço,
Meu amado caçador,
Não me faças, por favor,
Em frente de ti corar.

ALCEU (*aproximando-se*)

Porém, Marcília, eu não tenho
O direito de abraçar
O teu corpinho de fada?

MARCÍLIA (*corada*)

Mas ... (*atrapalha-se*) oh que pergunta tola!
Até me parece tu
Um bebê grande e de colo.

ALCEU

Sim ... querida, porque foi
Que assim correndo vieste
Procurar-me, quando nem
Ao menos tu me avisaste?

MARCÍLIA (*aproximando-se, começa
a acariciar-lhe as mãos*)

Oh ... Alceu, tu vais dizer
Que eu sou boba, sou criança,
Quando contar-te a verdade.

ALCEU (*rindo*)

Vamos, Marcilia, não temas
O que posso eu te julgar,
Sabes bem qu'és adorada
E que nunca foste, ao menos,
Uma vez só posta em critica.

MARCÍLIA

Bem, querido, o que sentia
Para aqui te procurar,
Foi uma tristeza infinda,
Quando de mim tu partiste.
Senti no peito um aperto
De mágoa e de solidão.
Senti no meu coração
Um prelúdio de desgraça.
Foi, então, que ao desespero
A minh'alma se entregou,
Chorei, talvez, uma hora
Sem poder me consolar.
Sentia que me faltava
Alguma coisa ao meu ser;
Sentia, querido Alceu,
Que não estarás comigo,
Quis assim a todo o custo
Por estas selvas tão verdes
Buscar-te, meu caçador,
E trazer-te para mim.

ALCEU (*sorrindo feliz*)

Marcília, mas só por isto
Tu me quiseste buscar?
Vem cá, querida, me deixe
A tua boca eu beijar
(e puxando-a, beija-a)
Como ao cheiro da camélia
Teu hálito se assemelha.
Tua boca pequenina
É manjar só para os deuses.

(mas ouve algum ruído)

Querida, eu acho que é bom
Partires sem mais demora.
Alguém de cá se aproxima.
Olha aquele arbusto lá,
Por detrás dele te escondas.
(temeroso, ainda a beija uma vez)
Querida, vamos depressa,
Não há mais tempo a perder.

MARCÍLIA (*escondendo-se*)

Alceu, de aqui de onde estou
Escuto tudo o que dizes.
*(Alceu não mais a ouve, pois olha de
onde vem o ruído)*

Cena III — ALCEU, CARLOS, JOÃO

ALCEU

Mas que bons ventos os trazem
Por estas plagas desertas?
Não é, por certo, este pobre
Que vieram procurar?

JOÃO

Não tens, amigo, razão
Pelo que estás me dizendo.
É Carlos que te procura
Desde que surgiu a aurora.

ALCEU

Mas, por que, Carlos amigo,
Estás por mim procurando?

CARLOS

É que eu tenho, caçador,
Cartas vindas de São Paulo.

ALCEU

Quando foi, que t'as chegaram?

CARLOS

Foi hoje pela manhã.
Sabes quem t'as escreveu?
Foi Maria, branca e bela.

ALCEU

Quem m'as escreveu, Meu Deus?

CARLOS

Foi Maria, qu'inda adoras,
Aquele moça, que um dia
Eu vi na boca beijar-te.
(ao longe, Marcília sai da cena, chorosa)

ALCEU *(enervando-se)*

Como Maria escreveu?
Mas já faz muito que, Carlos,
Com Maria eu desmanchei.

CARLOS

Que fazer, se ela escreveu ...

ALCEU

Mas onde as cartas estão?
As trazes, Carlos, contigo?

CARLOS

Naturalmente que sim.

ALCEU

Então, por favor, meu Carlos,
M'as entregues que estou louco
Para lê-las ... mas a fome
É me tão grande, que apenas
As lerei quando tiver
Almoçado esta manhã.

CARLOS

Mas inda não almoçaste?

ALCEU

Inda não, mas já vou indo.

CARLOS

Por que não vamos, então,
Almoçar em minha casa?

ALCEU

Muito obrigado, mas não
Irei mais incomodar-te.
Já chega o grande trabalho.
Destas cartas, que são minhas.

CARLOS

Vamos, p'ra que cerimônia.
Agora, já não mais peço,
Agora, Alceu, eu exijo.

ALCEU (*notando que Marc:lia se foi*)

Bem, vamos lá te amolar.

CARLOS (*virando-se para João*)

Vem tu fazer companhia
Ao nosso almoço em família.

JOÃO

Muito obrigado, meu Carlos,
Mas eu já fiz meu banquete.
Inda mais, meu caro amigo,
Eu marquei, aqui, no rio
Encontro com nosso Arnaldo,
Que deve estar almoçando.

CARLOS

Bem, então, nós já nos vamos.
Até já, meu caro amigo.

ALCEU

Até já, bom caçador.

JOÃO (*monologando*)

Até já, bom apetite.
Vamos agora esperar
O demorado rapaz
Que deve estar a comer,
Enquanto já cá estou.

Cena IV — JOÃO, ARNALDO

JOÃO (*ouvindo passos*)

Será possível que Arnaldo
Venha já p'ro nosso encontro?
Ou devo estar enganado,
Ou o rapaz se adiantou.

ARNALDO (*chegando*)

Acertaste pelo fim,
Pois bem mais cedo cheguei,
Sem mesmo ser esperado.

JOÃO (rindo)

Que te saúdem os deuses.

(há uma pausa)

Por que, Arnaldo, é que foi

Que me mandaste chamar?

Será que é muito importante

O que tens a me dizer?

ARNALDO

É muito importante, João,

Aquilo que vou dizer-te,

Presta bastante atenção

E não procures deter-me.

Tu sabes que trabalhamos

Em São Paulo, numa indústria;

Eu sou dela o tesoureiro,

Mas Alceu é o diretor.

Pois bem, faz pouco que nos

Mandaram chamar, correndo.

Parece que vis ladrões

Tentaram nos assaltar.

Eis porque que ainda cedo

Temos de cortar as férias.

Amanhã pela manhã,

Partiremos p'ra São Paulo.

JOÃO

É pena, qu'isto aconteça

No meio de teu descanso,

Mas sei que são os negócios,

Portanto, não vou detê-los.

ARNALDO

Eu venho, também, amigo,

Por tudo te agradecer,

Por tua bela mansão,

Onde vivi junto ao céu.

JOÃO

Mesmo porque nada fiz,
É sempre bastante triste,
Quando chega a despedida.
Mas dize-me, quando partes?
Tu já compraste as passagens?

ARNALDO

Sim, amigo fazendeiro,
Acabo já de comprá-las.

JOÃO

Mas, então, não almoçaste?

ARNALDO

Ainda não, camarada,
Quando eu ia começar
Lembrei-me de nosso encontro;
Pensando estar atrasado
Corri de lá para cá.

JOÃO

Se não tivesse almoçado
Iria te acompanhar.

ARNALDO (*abstrato, olha alguma coisa*

na relva)

Este lencinho bordado
De quem será, meu amigo?
(*abaixa para pegá-lo*)
guardá-lo para mim
E quem um dia quiser
Reclamar ser sua dona,
Que venha falar comigo.

JOÃO (*falando mais para si*)

É estranha a aparição
Deste lenço aqui na relva,
Mas quem será que o perdeu
E ainda por tal não deu?

ARNALDO (*olhando o relógio*)

Meu Deus, não foi que esqueci
O almoço quente na mesa,
Agora frio já deve
A minha comida estar.
Adeus, meu caro colega
Que eu vou, correndo, comer.

JOÃO

Adeus, eu fico por cá,
Preciso pensar um pouco.

Cena V — JOÃO, MARCÍLIA

JOÃO

É pena que já se vão
Estes bondosos amigos...
Amanhã eu mandarei
 A carruagem aos dois.
 (*há uma pausa*)
Mas quem será que perdeu
Por este lugar deserto
Aquele pequeno lenço,
Que parece ser de fada?
(*vê chegar uma moça*)
O mistério já se aclara,
Pois lá vem uma menina,
Quem sabe ser ela a dona
Do pequenino lencinho.

MARCÍLIA (*chegando*)

Bons dias, senhor Mateus.

JOÃO

Bons dias, dona Marcília,
Que bons ventos te trouxeram

Por estas plagas desertas.

MARCÍLIA

Quando aqui, pela manhã,
Andava com meu irmão,
Talvez deixei eu tombar,
Por sobre a relva orvalhada,
Meu lenço de estimação.
Que fora dado p'ra mim
Por meu falecido pai.

JOÃO (sorrindo)

Não, senhora, não o vi.
Talvez o lenço ficou
Em tua casa guardado.

MARCÍLIA

Muito obrigado, Senhor.
Sinto tê-lo incomodado.

JOÃO (aproximando-se)

Mas como me incomodou,
Se sou teu mais fero fã.
Foi até grande prazer
Poder eu falar-te a sós.
(e puxando-a)
Deixa-me, pombinha agreste,
A tua boca eu beijar.

MARCÍLIA (rubra de furor)

Afasta-te, miserável,
E não ouses me tocar,
(desvencilhando-se)
Homem vil que não respeita
A honra de uma mulher.

JOÃO

Como bela, quando rubra
De nobre furor, tu ficas.
Deixa-me, minha rolinha,
A tua boca beijar.

MARCÍLIA (fugindo)

Seria lindo se a vila
Soubesse que o “seu” Mateus
Tentou, usando da força,
Ultrajar uma senhora (e some-se).

JOÃO (filosofando)

Esta agora é muito boa
E com ela n’esperava.
Eu saio para caçar
E venho de lá caçado.

ATO II

Cena I — ALCEU, CARLOS

ALCEU (*sentando-se sobre um tronco*)

Parece, Carlos, que agora
Vou ficar um dia inteiro
Sem querer nada comer.

CARLOS (*encostando-se numa árvore*)

Deixemos de brincadeiras.

ALCEU

Quem disse estar eu brincando?
Pensas tu que não comi?
Eu te digo mais ainda
Que, além do farto peru,
Mandei para o meu estômago
Um bom prato de feijoada,
Um prato de macarrão,
Sem contar a sobremesa.
Parece, pois, que não brinco,
Se te digo, meu amigo,
Que não posso mais comer.

CARLOS

Eu fingirei que acredito.

ALCEU

Eu não quero me enervar,
Amigo Carlos do peito;
Nem mesmo sei eu se tenho,
Por causa do teu banquete
As forças para brigar.

CARLOS (*admirado*)

Até parece que, Alceu,
O vinho que tu bebeste,
O que, bem sei, não foi pouco,
Subiu a tua cabeça.
Vamos, p'ra que discutir?
Estás um pouco alterado.

ALCEU (*levanta-se, ofendido*)

Carlos, me sinto ofendido,
Por aquilo que disseste.
Intimo-te, Carlos, que
Retires o que disseste.

CARLOS (*vendo o estado do amigo*)

Alceu amigo, te acalma,
Pensa bem no que tu dizes.

ALCEU (*caíndo em si*)

Desculpa, Carlos, desculpa
Pelo que estava fazendo;
Talvez eu bebendo um pouco
Fiquei um tanto alterado.

CARLOS

Não foi nada, meu amigo,
Eu acabo de esquecer
Tudo aquilo que fizeste ...
Mas afinal, caro Alceu,
O culpado fui eu só
Que não soube compreender
Não estar no teu costume
O beber bastante vinho.

ALCEU

Para provar, meu amigo,
Que eu não fui indelicado,
Somente p'ra te acalmar

Vou te contar um segredo,
Que ainda ninguém conhece.

(há uma pausa)

Tu, que moras nesta vila,
Deves, talvez, conhecer
A senhorinha, que vive
Ao pé de um lago, no bosque.

CARLOS

É de Marcília que falas?

ALCEU

Perfeito, é este o seu nome.
Agora dize-me, Carlos,
Que sabes a seu respeito?

CARLOS

Aquilo que sei é pouco,
Pois não vivo especulando,
Mas o que dizem na vila
É somente p'ra elogiá-la.
Os pilheristas, brincando,
Chegam a falar que esta moça
Há de morrer solteirona,
Pois além de recatada,
Não há homem que lhe agrade.
Porém, na minha opinião,
Eu penso que esta menina
É um exemplo de pureza,
E se ela até me quisesse,
Eu com ela casaria.
Mas acontece que a moça
Não aceita ninguém, não.
O prefeito desta vila,
O filho do seu Tónico,
O senhor João até mesmo,
Que são aqui nesta vila
Os senhores maiorais,
Já pediram desta moça
A mãozinha em casamento.

Porém, parece que todos
Receberam negativas.

ALCEU

Pois bem, caríssimo amigo,
Prepara-te à uma notícia ...
Sabes tu, querido Carlos,
Que a mui formosa Marcélia,
Vai comigo se casar.

CARLOS (*espantado*)

Deliras, meu pobre amigo,
Eu não devia ter dado
Para beberes meu vinho,
Pois é um tanto pesado.

ALCEU (*enervando-se*)

Carlos, eu digo e repito
Que não estou delirando.
Afinal eu não sou moça,
Que apenas bebendo um pouco
Logo fique transtornada.
Eu não brinco, mas afirmo
Amigo meu, de estadia,
Marcélia, se Deus quiser,
Até findar-se este mês,
Será minha para sempre.

CARLOS (*notando que Alceu não brinca*)

Ora, Alceu, bem que acredito
Em tudo aquilo que dizes.
(*e olhando para o lado*)
Se não me engano, é o Arnaldo,
Que vem com João para cá.

Cena II — ALCEU, CARLOS,

ARNALDO, JOÃO

ALCEU (*recuperado*)

Ei-los que chegam, sorrindo,
Porém, parece que estão
Um bocado preocupados;
Algo terá sucedido?

ARNALDO (*jovialmente*)

Como vão os bons amigos,
Que como ricos barões
Colocam-se nesta tarde,
Alegre de primavera,
Vivendo como nas nuvens,
Uma tal sesta gozando
E talvez mesmo falando,
Deste humilde amigo, mal.

CARLOS (*brincando*)

Deixa tu de brincadeiras,
Que o nosso grão caçador
Em caçar saiu caçado;
Se caças bem vivas caças,
Após tê-las devorado,
Das mortas saiu caçado
Estirado o pobre está.

ALCEU (*não gostando da brincadeira*)

Não brinques, Carlos, que eu não
Estou hoje p'ra que agüente
Insultos de qualquer um.

CARLOS (*rindo*)

Não te alteres, por favor,
Afinal aqui nós quatro,
Estamos nos divertindo...

ALCEU (*também indo*)

Esta bem, tu me desculpes,
Que eu ofender não te quis.
Agora, Arnaldo do peito,
O que te trouxe p'ra cá?

ARNALDO

Tenho a te dar novidades.

ALCEU

Então?... que estás esperando?
Solta logo o teu segredo..

ARNALDO

Recebeste algumas cartas
Pelo trem desta manhã!

ALCEU

Sim, senhor, recebi uma
E tu nem podes sonhar
Quem foi que m'a remeteu!

ARNALDO

Quem foi?... Dize-me, quem foi?

ALCEU

Maria, a bela menina
De quem, outrora, gostei.

ARNALDO

Mas afinal que val'isto,
Se eu não consigo dizer-te
Por que vim te procurar ...

ALCEU (*confundindo-se*)

É verdade, caro amigo,
Não quiseste inda dizer-me...
Diga-me, sim, por favor,
O que vieste contar,
Se não nós vamos aos tapas.

ARNALDO (*admirado*)

Mas, enfim, vamos às novas.
Infelizmente, nós fomos
Chamados para São Paulo,
O mais rápido possível.
Parece que vis ladrões
Quiseram nos assaltar.

ALCEU (*espantado*)

E quando vamos partir?

ARNALDO

Amanhã pela manhã.

ALCEU

Amanhã pela manhã!
Mas que será de Marcília,
Quando de tudo souber?

ARNALDO

Quem? ... que nome me disseste?

ALCEU (*arrependendo-se*)

Desculpa-me, não foi nada. (*começa a pensar*)

CARLOS (*baixo para João*)

Bem, vou agora levar
O bom Alceu para casa.
Dar-lhe-ei bicarbonato
Para ver se a bebedeira,
Que tomou no me almoço,
Passa logo...

JOÃO

Acho melhor.

CARLOS (*alto*)

Alceu, nós temos que agora
Voltar para minha casa,
Além de que precisamos
Preparar o João Bicudo,
Para que partas em paz.
(*há uma pausa*)
Me encarrego da fazenda.

ALCEU (*para Carlos*)

É verdade, meu bom Carlos;
(*para João e Arnaldo*)
Até logo, grande Arnaldo,
E para ti um abraço,
Meu amigo fazendeiro.

ARNALDO E JOÃO

Até logo, caçador.

Cena III — JOÃO E ARNALDO JOÃO

Alguma vez tu já viste
Nosso amigo embebedado?

ARNALDO (*um pouco pensativo*)

Nunca e jamais o verei.

JOÃO

Então, Arnaldo, onde estavas,
Com tua louca cabeça,
Quando Alceu ao nosso lado,
Mal podendo se suster
De tanto vinho tomar,
Insultou não só a ti,
Como a mim e ao grande Carlos!

ARNALDO

Pensei que estava brincando!

JOÃO

Estás hoje alvoroçado ...

ARNALDO

Hum!... Talvez... Nem mesmo sei.

JOÃO (*brincando*)

Em que pensas, sonhador?

ARNALDO (*mudando, bruscamente de feição*)

Tu conheces a Marcília?

JOÃO

A bela filha do lago,
Aquele que eu namorar
Num dia remoto quis?
E como paga do amor,
Que alegre lhe declarei,
Deu-me um tapa sobre o rosto?

ARNALDO

Isto pouco me interessa
Sejamos objetivos.
Responde-me prontamente.
Tem ela algum namorado?

JOÃO

Garanto-te que não tem,
Como talvez não terá.
Aquilo é erva daninha,
Que cresce bela na estrada
E mata, quando comida.

ARNALDO

Pois bem, amigo, me escuta.

(há uma pausa)

Há três dias, quando andava
Lá pelas bandas do lago,
Senti marulhar as águas.
Querendo ver o que havia,
Das águas me aproximei.

(há uma pausa)

Não sabes, meu caro amigo,
O espetáculo, que eu vi.
Nadando, nua, singela,
Mais parecendo uma deusa,
Incauta Marcília estava,
Talvez mais bela que Vênus,
Se tão bela a nossa deusa
Fosse, enquanto nas cabeças
Dos antigos existiu.
Eu fiquei paralisado,
Perante tal maravilha.
Ficaria lá cem anos,
Se cem anos a menina
Continuasse lá nadando.

(há uma pausa)

Na relva, junto de mim,
Estava a roupa da bela,
Que encantadora nasceu.

JOÃO (espantado)

És, amigo, um felizardo.

ARNALDO (sem se importar)

Tive, então, feliz idéia.
Roubei da roupa escondida
Uma meia de Marcília,
Escondendo-me depois
Por sobre o vasto copado
De um carvalho secular.

(nova pausa)

Precisavas ver que mimo
Quando Marcília das águas

O seu corpo retirou.
(*nova interrupção*)

A menina se vestindo
Deu por falta desta meia,
Que trago agora comigo.
Procurou, desesperada,
A branca meia perdida,
Por fim bastante cansada
De ter em vão procurado
Partiu, chorando, p'ra casa.

JOÃO

Mas, então, meu bom Arnaldo,
Que intenção tens tu com ela?

ARNALDO

Vou propor-lhe casamento.

JOÃO

E pensas que aceitará?

ARNALDO

Não sei, mas eu vou tentá-la.
(*pensando um pouco*)
Tu sabes, ó João, que eu acho
Que o nosso bondoso Alceu
Por ela se apaixonou!

JOÃO

Eu sei ... e sei qu'este louco
Deverá desiludir-se.

ARNALDO (*espantado*)

Mas como o soubeste, João?

JOÃO

Não viste, então, na conversa,
Que com ele nós travamos,
Mencionar o nome dela?

ARNALDO

Ah! Sim! Tens toda a razão.

JOÃO

Mas isso, amigo, é o de menos,
Basta, apenas, que façamos
Pequena intriga entre os dois.

ARNALDO

A idéia não é tão má.
É possível que eu a use.

JOÃO

Inda mais aquele lenço,
Que hoje achaste pela estrada,
Pertence à linda Marcília.

ARNALDO

E quem isto te contou?

JOÃO

Foi tua querida amada.

ARNALDO

Quando se deu esta cena?

JOÃO

Pouco após teres saído,
Marcília o lenço buscou.

ARNALDO

E disseste estar comigo?

JOÃO

Mas é lógico que não.

ARNALDO

ótimo, meu companheiro!

JOÃO (achando falta de cigarros)

Eu vou, Arnaldo, buscar
O meu maço de cigarros.

ARNALDO

Bem... até já!

JOÃO:

Até já!

Cena IV – ARNALDO

ARNALDO

Bem, agora, solitário
Por dez minutos estou.
Vamos ver se então as musas
Irão de fato ajudar-me
(há uma pausa)

Sejamos objetivos,
Analisemos os fatos.
(outra pausa)

Eu amo a bela Marcília,
Que por contraste solene
Ainda ninguém amou.
(nova pausa)

Talvez seja nosso Alceu
Seu maior inspirador,
Porém esta tal hipótese
É muito vaga e remota.
(nova pausa)

Alceu, que há muito não ama,
Desde que deixou Maria,

É agora apaixonado
Por esta filha do lago.

(nova pausa)

Tratemos, pois, tudo como
Se este amor já fosse velho,
Para que assim prevenido
Esteja para o combate.

(nova pausa)

Amanhã nós partiremos.
Eu tenho, portanto, só
Doz'horas para vencer
Uma batalha tão rude
Sobre um frio coração
E sobre um rival de sorte.
Mas como diz o ditado:
"Quem n' arrisca, não petisca".
É lógico que meu cérebro
Não sendo fraco, nem débil,
Irá, por certo, na luta
Inventar estratégias
Para lograr o destino
E para trazer-me a bela.

(nova pausa)

Mas, enfim, o que fazer?

(nova pausa)

"A priori" vou tentar
Falar sozinho a Marcília.
Depois desta conferência,
Por certo, já saberei
Se ela ama ou não Alceu.

(nova pausa)

Caso ame; então, Arnaldo
Terás de com este amigo
Conversar a sós devendo,
Então, intrigas fazer.
E, por fim, meu grande Arnaldo,
Depois, de estar tudo urdido,
Só terás, sim, que colher
As sementes que brotarem.

(nova pausa)

És um gênio, meu amigo.
Agora, vamos às obras,

Os meus planos atirar.
(nova pausa)
Parece que lá no fundo
Eu vejo três cavalheiros
Para cá se dirigirem.
(fica olhando para o horizonte)

Cena V — ALCEU, ARNALDO, JOÃO E CARLOS

ARNALDO

Eis que chega o maior trio
De brasílios caçadores.
(mas vendo os três cabisbaixos)
Alceu, por que cabisbaixo
Vens encontrar este amigo?
Será que nossa partida
Abalou-te tanto assim?
Será que as férias cortadas
Estragaram teu humor?
Vamos, Alceu, nada existe,
Para que preocupações?
Já tudo foi arrumado,
Nós só temos que em São Paulo
Levar o caso à Polícia.
(para Carlos)
E tu, meu Carlos potente,
Por que, também, estás triste?
Afinal, não é, Senhor,
Esta a derradeira vez,
Que cá vamos arribar...
(para João)
Apenas tu, meu bom João,
Não restas tão contrariado.
Qual é a nova tristonha?

ALCEU

Estás um tanto enganado
Por pensar ficar chorando
A partida que chegou.
Somente estou amolado
Porque soube pelo Carlos

Que o feitor desta fazenda,
Que faz tempo me pertence,
Acaba de morrer hoje:
Escorregou do cavalo
E por ele foi pisado.
Era um homem tão bondoso,
Era meu braço direito.

ARNALDO (*temeroso*)

Mas amanhã temos qu'ir
E não podemos ficar.

ALCEU

Mas quem, Arnaldo, é que disse
Que não vou partir daqui,
Amanhã pela manhã?

ARNALDO

E como farás, então,
P'ra manter tua fazenda?

ALCEU

Vou já mesmo procurar
Alguém que o substitua.

ARNALDO

E quem pensas arrumar?

ALCEU

Eu vou em busca de Mário,
Um saudável rapagão
E de grande probidade.

ARNALDO

Ah... sim, irmão de Marcília.

ALCEU

Mas como o soubeste, Arnaldo?

ARNALDO

Simpatizo com Marcilia
E sei, pois, que seu irmão
Possui o nome de Mário.

ALCEU

Mas, ... Bem isto não foi nada.

CARLOS

Não temos tempo a perder,
Pois caso fiquemos cá
Falando, não chegaremos
A findar nossa procura.

ALCEU

É verdade, Carlos, vamo-nos.
Arnaldo e João, até já.

CARLOS

Até já, caros amigos.

ARNALDO E JOÃO

Passem bem, meus caçadores.

ARNALDO

Tu viste, João, como Alceu
Ficou da cor de jasmim
Ouvindo o nome da bela.

JOÃO

Eu notei perfeitamente.

ARNALDO

Se tudo assim continuar,
Antes destas duas horas,
Marcélia, a bela pombinha,
Estará nos braços meus.

ATO III

Cena I — LAURA E MARCÍLIA

LAURA

O que te aflige, Marcília,
Para que uma tal tristeza
Lance seu germem, querida,
Neste teu formoso rosto?

MARCÍLIA

Laura, não é nada não.
Apenas, estou um pouco
Indisposta nesta tarde,
E talvez seja, por isto,
Que notaste estar tão pálida
Esta tua pobre amiga.
(e se põe a chorar)

LAURA

Mas, Marcília, se foss'isto
Somente a causa de tudo,
Não irias tu chorar
Por estares indisposta.
Vamos, conta tuas mágoas,
Pois, em contando a uma amiga,
Por certo, as dividirás.

MARCÍLIA

Por favor, se queres mesmo
Ser de mim, bondosa amiga,
Deixa-me sozinha, para
Que minhas mágoas esqueça.

LAURA

Estou vendo que, Marcília,
Neste momento em que amigas
Precisarias, sem dúvida,
Não sou eu a escolhida.
Eis porque parto tristonha
E desejo-te melhoras.
Até já ...

MARCÍLIA

Não, não te vás.
Fica, Laura, que preciso,
Nas horas tristes de dor,
Ter uma amiga bondosa.
Fica, por favor, não vás.

LAURA

Mas, Marcília, tem alento
E vamos nós conversar.
Talvez o mal que te abala Seja ainda remediável
(abraça-a)
Ó vamos, conta-me tudo.

MARCILIA *(quase soluçando)*

É que Alceu não me ama mais.

LAURA *(confortando-a)*

Mas como és boba, Marcília,
Quem é que tal coisa disse?
Eu sei como o belo Alceu
Está caído por ti.
O pobre nem mesmo come
Tanto o amor lhe toma conta.
Andemos, por que tal drama?
Pareces inda menina!
Vai limpar teu belo rosto
Para falares co'Alceu.

MARCÍLIA (*chora*)

Mas é que, Laura, meu bem,
Alceu me esteve enganando,
Pois, apesar de fazer
Para mim juras de amor,
Ele tem na sua terra
A sua noiva o esperando.

LAURA

Mas, quem é que te contou
Esta história imaginária?

MARCILIA

Estava escondida atrás
De uma frondosa nogueira,
Quando ouvi Alceu e Carlos
Falarem sobre Maria;
Alceu tinha recebido
Cartas vindas desta moça.
Eu vi, como perturbado
Ficou, quando recebeu
Estas cartas, pois sabia,
Que atrás da grande nogueira
Esta pobre apaixonada
Estava tudo escutando...
Meu Deus, que infelicidade.

LAURA

Vamos, Marcília, talvez
Tudo foi mal entendido.

MARCÍLIA

Queira, Laura, Deus, ouvir-te
E que esta tua agravada
Volte a ter, por fim, de novo
A paz de quando menina.

LAURA

É claro, amiga bondosa,
Tudo vai acabar bem.

MARCÍLIA (*enxugando as lágrimas*)

Laura, parece que escuto
Passos vindos para cá,
Quem será que nos procura?
Ou quem será que, no acaso,
Esteja só vagueando.

Cena II — ARNALDO, MARCÍLIA, LAURA

ARNALDO

Mas quem por cá, passeando,
Eu pude, Deus, encontrar!
Que maior felicidade
Poderia desejar?
Vamos, Marcília, saúda
Ao menos um velho amigo...
Mas que? Tu estás chorando?
Quem foi, conta-me, Senhora,
Que encheu teus tão belos olhos
Das mais puríssimas lágrimas?
Responde, minha formosa.

LAURA

Mas, Senhor, que indiscrição
De lhe fazer tais perguntas,
As mais ousadas possíveis!
Não tens, por certo, o direito
De dirigires assim
Para uma moça solteira.

ARNALDO

Não foi para a senhorinha
Que perguntei essas coisas.
Responde-me, sim, Marcília,
O que está te acontecendo?

MARCÍLIA

Por favor, Senhor Arnaldo,
Não queiras atormentar-me
Mais uma vez com propostas
De amor e de casamento.
Deixa-me em paz pelo amor
Que ainda em Deus tu tiveres.

ARNALDO

Mas, minha bondosa amiga,
Quem te disse que estou cá
Para fazer-te propostas.
Eu somente te pergunto
Por que motivo é que choras?

MARCÍLIA

Parece bastante ousado
O senhor ao dirigir-se
Assim para uma Senhora.
Sabe ao menos que não choro
Por alguém como disseste,
Mas mesmo que fosse assim,
Não seria educação
Vires a mim perguntar.
Se queres ser meu amigo,
Por favo; não me atormentes.

ARNALDO (*para o lado*)

Que bela fera será
Co' o pobre que a desposar.
(para Marcília)
Mas, Senhora, que maneira
Que te diriges a mim...
Não vês que é minha amizade,
Que faz perguntas a ti?
Quais os males que te afligem?

MARCÍLIA

Desculpa-me parecer
Para ti indelicada,
Mas é que andando no campo,
Há pouco, levei um tombo
Que ofendeu-me o tornozelo.

ARNALDO (*à parte*)

Bela mentira me pregas!
(para Marcília)
Mas isto, bela Senhora,
Não há de ser nada não.
(pausa)
Parece ser hoje o dia
Das mais tristezas que tive.

MARCÍLIA

Por que me falas assim?
Aconteceu ao Senhor
Alguma grande desgraça?

ARNALDO (*para o lado*)

Arnaldo, se tu bem sábio
E ganha-me esta batalha.
(para Marcha)
Senhora, tu não calculas
O mal que me aconteceu.
Primeiramente foi que
De São Paulo tristes cartas
Recebi... Fomos roubados,
Tanto Alceu, quanto este pobre
Por alguns vis salteadores.
Teremos que amanhã mesmo
Partir p'ro nosso São Paulo.
Mas em segundo lugar
A desgraça é bem maior,
Pois parece que um amigo
Para sempre vou perder.

MARCÍLIA

Mas por que... irá morrer?

ARNALDO

Pior, ele vai casar-se.

MARCÍLIA

E eu conheço o teu amigo?

ARNALDO

Eu não sei... chama-se Alceu
(*Marcília pálida tomba*)

Senhora, o que aconteceu?

Para que assim tu ficasses?

Será que disse algo errado?

MARCÍLIA (*levantando-se, ajudada por
Laura e Arnaldo*)

Ó não, Senhor, não é nada,
Apenas tive tonturas,
Por ter perdido algum sangue
Mas continua e não para.

ARNALDO (*à parte*)

E que é de o sangue, menina,
De que agora me falaste?

(*para Marcília*)

Pois bem, este nosso Alceu
Recebeu cartas saudosas
De sua amada Maria
E vai logo desposá-la.

MARCÍLIA (*não mais se aguenta*)

Miserável, no que dizes
Só vejo, Senhor, mentira.

ARNALDO

Mas, por que digo mentira,
Minha formosa Senhora?

MARCÍLIA

Pensas tu que assim apenas
É que me podes vencer,
Na luta que tens travado
Para comigo casares?
Pois saibas que nunca, nunca
Contigo me casarei.
*(Ao longe chega Alceu,
enquanto Arnaldo tenta abraçá-la.)*

ARNALDO

Meu bem, pelo amor de Deus,
Dá-me um beijo tão somente.
(Marcília ajudada por Laura foge.)

Cena III — ALCEU, ARNALDO E CARLOS

ALCEU *(indignado)*

Com que direito o
Senhor Pega Marcília nos braços?

ARNALDO *(calmo)*

Mas esta é bastante boa!
Por que não posso Marcília
Só nos meus braços pegar?
Por acaso, não sabias
Ser Marcília minha noiva?

ALCEU *(rubro de furor, dá-lhe um soco)*

Vil canalha e mentiroso!

ARNALDO *(caído, levanta-se e vai brigar com
Alceu, quando surge Carlos)*

CARLOS

Parados, peço, parados!
Qual é a razão da briga?

ALCEU

Arnaldo abraçou Marcília...

ARNALDO

Mas Marcília é minha noiva!

ALCEU

Mentira! Marcília disse
Que só comigo casava.

ARNALDO (*fingindo-se furioso*)

Patife, vais me pagar
Por semelhantes calúnia!

CARLOS

Meu Deus! Silêncio, silêncio.
Vocês não raciocinaram...
Será que uma só mulher
Irá fazer esta briga,
E que esta bela amizade,
Que desde a infância nasceu,
Hoje esteja terminando?
Vamos, acalmem-se, acalmem-se.
E tudo irá, meus senhores,
Voltar ao lugar de origem.

ALCEU

Desculpa, Arnaldo, ter sido
Contigo muito grosseiro,
Mas é que a bela Marcília
Prometeu-me, sim, por Deus,
Que se casava comigo.

ARNALDO (*fingindo-se triste*)

Por isso que minha noiva,
Quando hoje eu a fui beijar,
Ao ver-te, talvez com medo,
Que tudo se descobrisse,
Fugiu-me, sem mais, sem menos,
Não dizendo onde ela iria.

ALCEU

Mas é que, Arnaldo, torna
Prometeu ser minha esposa
E mesmo, amigo, a menina
Me deixa sempre beijá-la.

ARNALDO (*dá um pulo*)

O que, Senhor, tu deliras?
Marcília, já te beijou?
Mentira!... Ó isto é mentira!

ALCEU (*começa a alterar-se*)

Beijou, sim, mas quem, Senhor,
Me garante que não mentes?
Estás blefando, canalha!

CARLOS

Ó vamos, vamos, acalmem-se!
Por que por uma mulher
Estão os dois a brigar?
Silêncio, silêncio, vamos!

ARNALDO

É verdade, Alceu, desculpa
Estar sendo indelicado,
Afim não tens tu culpa
Se Marcília procurou-te.
Somente, amigos, fui eu
Que mais logrado fiquei.
(há uma pausa)

Vou lhes contar um segredo
Que só Marcília conhece,
Além de mim, o que é claro;
(fazendo-se triste)
Marcília, fez já três dias
Dizendo ser esta a prova
De que me amava bastante,
Veio passar uma noite
No meu leito de solteiro.
Lembrar um tal devaneio,
Eu não quero. Fui um louco.
Descrever esta ventura,
Seria doidice apenas.
(há uma pausa de expectativa)
Esqueceu, então, Marcília
A meia que trago aqui
E que lhes vou já mostrar.
Ei-la! Que tal lhes parece?

ALCEU

É de Marcília esta meia,
Nem há dúvida, bem sei
(sente-se desfalecido)
Mas, Arnaldo, que loucura,
Como sou tão desgraçado!

ARNALDO

Depois desta noite, Alceu,
É que o mais ardente amor
Nasceu no meu magro peito.
Aquele mancha vermelha
Do tamanho de uma abelha,
Que ela num seio possui,
Fazendo-a tão tentadora,
Acabou por ter vencido,
Toda a minha exaltação
(há uma pausa)
Iria casar-me em breve...
(há uma pausa)
Já dei-lhe um rico cola;
Aquele que de São Paulo

Eu trouxe p'ra minha tia.
Como presente, Senhor,
Recebi este lencinho,
Que Marcília diz valer
Mais que toda a sua vida.
(tira e mostra o lenço)

ALCEU

Meu Deus! Este lenço branco
É de Marcília a maior
Relíquia, que possuía.
Foi dado pelo seu pai,
Quando este ainda vivia.
Desculpa-me, Arnaldo, sim
O ter de ti duvidado.
Imagina que vil era
Este meu ser, pois ingrato
Com o seu mais velho amigo
Acabo de parecer.
E tudo isto aconteceu
Por uma mulher apenas.

ARNALDO *(fingindo-se contrariado)*

Mas, Alceu, nada te culpo.
A culpa foi de Marcília.
Não sabes, quanto é tristeza,
No dia de meu noivado
Já duvidar da mulher.
Perdoem, amigos meus,
Se eu já me vou indo embora.
Eu ia comprar agora
A passagem de Marcília,
Mas depois destas verdades
Eu nem sei o que fazer.

ALCEU

Até já, feliz noivado.

CARLOS

Sim, até logo.

ARNALDO

Até logo.

Cena IV — ALCEU, CARLOS

ALCEU

Eu mal posso acreditar
Nisto que acabo de ouvir,
Não é possível, não é
Possível, bondoso Carlos.
Parece que estou sonhando
E que tudo o que passou
É brincadeira sem gosto.
Mas que desgraça tão grande
Acaba de acontecer ..
Marcília... Mas quem diria
Que Marcília a tão formosa
Menina que só me amava
É noiva do bom Arnaldo...
E como fui eu logrado,
Como fui, amigo Carlos.
Ó, por Deus, que eu te prometo
Que de agora em diante não
Mais falo com vis mulheres.
(esgotado, senta-se)

CARLOS

Alceu, acalma-te, sim...
Não há razão para tanto.
Vejamos tudo, com calma,
Talvez mesmo o bom Arnaldo
Esteja brincando apenas.

ALCEU

Não permito que duvides
Do meu velho amigo Arnaldo.

Conheço-o desde criança,
Sabendo que para mim
Não é capaz de mentir.
Inda mais, bondoso Carlos,
Aquele lenço, que tem,
Quando era da vil Marcília,
Dizia-me que somente
Daria aquele lencinho
Para aquele que num dia
Fosse para o altar com ela.
Maior prova não existe
De que o felizardo Arnaldo
Não mentiu para nós dois.

CARLOS

Bem, desde que foi banida
Esta minha prima hipótese,
Contentemo-nos, Alceu,
Com a segunda, que manda
Aceitarmos tudo, calmos,
Desde o momento, Senhor,
Que aquilo que Deus constrói
É melhor do que o que nós
Podemos cá construir.

ALCEU

Mas isto é terrível, Carlos,
É bem mais do que terrível. Isto,
Meu Deus, torna crime,
Ser assim tão tristemente
Enganado por alguém,
Que se dizia p'ra sempre
Unida a este pobre ser
Pelo mais profundo amor.

CARLOS

Mas isto, Alceu, acontece.
E ainda mais eu te digo
Que tudo o que passou hoje
Será dentro de dois meses
Completamente esquecido.

ALCEU

Não sei, bom Carlos, não sei
Aquilo que eu vou fazer...
Sinto que a graça da vida
Foi para sempre roubada ...
Fui roubado, Meu Senhor,
Terrivelmente roubado.

CARLOS

Isto, amigo, não é nada
E eu te garanto que passa.

ALCEU

Bem, meu Carlos, eu já vou,
Pois, talvez, que, em por aí
Andar só, filosofando,
Esqueça estas minhas mágoas,
Que tão profundas parecem.

CARLOS

Queres que eu ande contigo?

ALCEU

Não, não, Carlos, obrigado.
Eu prefiro tão sozinho
Andar por estas florestas
Do que andar acompanhado,
Pois apesar de tu seres
O meu mais sincero amigo,
Eu prefiro mesmo assim
Não ter consolo de ti,
Pois que o teu puro consolo
Aumentaria esta dor.
Adeus, meu bondoso amigo.

CARLOS

Adeus, infeliz amante.

Cena V - CARLOS

CARLOS (*só*)

Eis-nos agora sozinhos,
Meu Carlos, só eu e tu,
Pois nesta complicação
Para melhor nos salvarmos
Só resta a meditação.
Meditemos, meditemos...

(há uma pausa)

Arnaldo diz que está noivo
Da mui formosa Marcília.
Pode ser. Não sou profeta,
Mas, por Deus, que bem daria
A minha jovem cabeça –
A quem quisesse cortá-la,
Se, na verdade, Marcília
É noiva deste malandro.
Ora, se não for Arnaldo
O tal noivo da menina,
Por certo, que está blefando.

(nova pausa)

Tomemos todas as provas:
Arnaldo não tinha aliança,
Agora quando falava.
Se, na verdade, Marcília
Está noiva deste amigo,
Não tinha nada a temer
Do nosso infeliz Alceu.
E se Marcília fugiu,
Por que o fez tão ajudada
Da formosíssima Laura?

Por certo, que nossa amiga
Estava querendo, sim,
Desvencilhar-se de Arnaldo.
Ora, Carlos, concluindo
Não se parecem dois noivos.
Neste mato bem que há lebre.

(há nova pausa)

Agora, se Alceu soubesse
Destas minhas deduções,

Tenho certeza qu'iria
Ficar muito satisfeito.

(há nova pausa)

Mas acontece que o lenço
Que o nosso Arnaldo possui
Fala mais que qualquer prova.
Portanto, p'ra que desvende
Este mistério alocado
Preciso será que, Carlos,
Tu tenhas de agir sozinho.
Agora só me interessa
Saber que papel Marcília
Teve ao entrar nesta encrenca.
Por certo o de uma inocente,
Nas mãos de um lobo manhoso..
Bem, meu Carlos, o melhor
Que tens a fazer agora
É procurar nosso Arnaldo
E segui-lo sem ser visto.

ATO IV

Cena I — ALCEU E CARLOS

ALCEU

Bem, Carlos, já chega a tarde,
É necessário partir;
Tenho muito que fazer:
Malas, negócios, bilhetes
Andam cá me atormentando
Muito, amigo; te agradeço
Teres depois do incidente
Que com Arnaldo fiz eu,
Ainda me consentido
Acompanhar, consolando
Minhas mágoas, se assim são.

CARLOS

Prefiro nada dizer
E em nada me contrapor,
Que seja, em tua vontade.
Vou ficar perambulando
Por estes matos tristonhos.
Talvez, como nada fosse,
Vá mesmo por sobre o monte
Ver sumir o sol soberbo
Até já, meu grande Alceu.

ALCEU

Até já, Carlos: Adeus.
(sai, mas volta)
De nada desconfiaste
De aquilo que Arnaldo disse?

CARLOS

Para ser franco contigo,
Aquelas lorotas todas
São-me um pouco duvidosas.
Primeiro de ser Marcília
Sua noiva é problemático;
Segundo o de ter Marcília
Dormido com ele a noite,
É-me quase inverossímil.
Porém, o lenço que tem
E aquela meia da bela
São provas quase cabais.

ALCEU

O lenço é prova terrível,
Porém o que me amortalha
É aquele pé de uma meia,
Que eu sei ser, sim, de Marcília.
Bem, Carlos, o que interessa
É não perder mais meu tempo
Com este caso tamanho.
Até foi bom, se pensarmos,
Eu quase fui enlaçado
Por esta bela cabocla,
Aqui, nos campos tão verdes,
Sem saber o que levava.
Pensando bem, me entristece
Saber que um dos meus amigos
Está para sempre quase
Preso à vida, em tirania.

CARLOS

É melhor seres, Alceu,
Como a vida te modela.
Confortemo-nos, sabendo
Qu'outros, talvez, sofram muito
Mais do que nós já sofremos.

ALCEU

Assim a vida é, meu Carlos,
É o sofrer descompassado,
Que nos governa impassível.
E que vale o choro triste,
Se este choro não consola?
Mas, amigo, o que entristece-me
É saber Marcília bela
Uma reles caça-dotes.
Que fazer, porém, ainda?
Adeus, Carlos.

CARLOS

Até logo.
(monologando)
Belo embaraço é que veio
Neste encerrar de umas férias
Atrapalhar meus amigos.
Enfim, talvez até a noite
Tudo esteja resolvido.
Mas quem lá vem vindo, em cima...
É, sim, Marcília com Laura.
Quem me poderá dizer
Qu'isto não seja, Meu Deus,
Talvez a Mãe Providência...
Quem sabe se eu encontrei
Por fim o fio de Ariadne?
Vou me esconder neste arbusto.
(escondendo-se)

Cena II — CARLOS, MARCÍLIA E LAURA

LAURA

Marcília, por que soluças?
Eu digo não vale a pena
Estares gastando lágrimas
Por um homem sem moral.

MARCÍLIA

Mas que fazer, boa Laura,
Se não consigo parar
O meu tristíssimo pranto.
Por que, meu Deus, sim por que
Fizeste-me amar alguém,
Fizeste-me ter ventura
Para perdê-la tão cedo?
Se viver no esquecimento
Fosse tão duro depois
De se ter amado tanto,
Talvez somente co'a morte
Encontrarei minha paz.
(se põe a chorar)

LAURA

Ó vamos, Marcília, vamos!
Não chores mais, por favor.
Quem sabe, minha Marcília,
S'isto até não foi melhor.
Quem sabe, se não foi Deus
Que fez Arnaldo contar-te
O que, na verdade, Alceu
Considera-te, meu bem.
(abraça-a)

CARLOS *(sem ser visto)*

Bem que eu tinha sim razão,
Quando vi que nesta mata
Havia lebre e das grandes.

LAURA *(continuando)*

Alceu, jamais te queria
Para sua própria esposa.
Se quisesse já teria
Contigo casado, sim.
Enfim parece que Deus
Neste caso interferiu.
E como parte amanhã,

Sabendo ser tão amado,
Não te pedisse, Marcília,
Tua verde virgindade.

MARCÍLIA (*corada*)

O, Laura, que linguajar
É este que tu me lanças.
Sabes tu que mesmo amando
O quanto Alceu tanto eu amo,
Jamais iria eu dormir
Com Alceu se não após
Ser dele esposa por lei.

CARLOS (*sem ser visto*)

Pobres de nós que não vimos
A falsidade em Arnaldo.

LAURA

Mas, Marcília, eu não duvido
De seu pudor, que é tão grande.
Apenas, querida amiga,
Eu aventei esta hipótese.
Perdoa-me, por favor.

MARCÍLIA

Bem, Laura, é que tão nervosa
Estou como nunca estive.
Como iria eu perceber
Estar nos braços de um homem
Qu'irá casar-se em São Paulo,
No mês vindouro com uma
Moça chamada Maria?

CARLOS (*sem ser visto*)

Bem que vi que nosso Arnaldo
Tramou bem um plano vil.
Esperemos pelo resto.

LAURA

Agora, o que está já feito
Feito está e já passado.
De ora, pensemos, em diante.
Fugir de teu falso Alceu,
Como também deste falso
Indivíduo, que é o Arnaldo.
Mudando de assunto, amiga,
Achaste o teu branco lenço?

MARCILIA

Não, não achei, minha amiga.
Apenas lembro-me de
Tê-lo, quando com Alceu
Conversei esta manhã.
Talvez o tenha perdido,
No campo ou mesmo quem sabe,
Se o próprio Alceu não levou,
Como uma prenda do jogo.
(põe-se a chorar)

LAURA

Marcília, se tanta dor
Te faz sofrer hoje, à tarde,
Não faltará muito para
Que eu, também, chore, querida.

MARCÍLIA

Que boba sou eu, sofrendo
Estou por quem tal não vale.
Laura, uma idéia me veio.
Talvez o lenço repouse
Por sobre o banco da quinta,
Aquele, que está coberto
Por uma grande mangueira.

LAURA

Eu vou, então, lá buscá-lo,
Pois, assim, esta tal dúvida,
Não mais irá torturá-la.
Até já.

MARCÍLIA

Laura, até já.

CARLOS (*sem ser visto*)

Bem que disse ao pobre Alceu,
Que Arnaldo o tinha logrado.
Somente resta um mistério
Para ser solucionado,
Que é o mistério da meia.
Mas eis que estou percebendo
Arnaldo vindo p'ra cá.
Não sabes inda, tratante,
Estar tudo descoberto.

Cena III — CARLOS, MARCÍLIA E ARNALDO

ARNALDO (*sem ver Marcília*)

Só me falta desfrutar
Do trama que armei a todos.
Eu sou, não duvido, não,
Um caçador tão notável,
Construtor da própria rede.
(para espantado)
Mas quem vejo, meu Senhor,
Será sonho por acaso?
(esfrega os olhos)
É Marcília e solitária.
Não há dúvida que a sorte
Hoje está p'ra me ajudar.
Só me falta para que
Feliz fosse a vida inteira,
Que Marcília, minha esposa,
Livramento, ser quisesse.

Mas agora, estando só,
Não há dúvida, que, Arnaldo,
Já venceste esta caçada.
Partamos atrás da caça.

CARLOS (*sem ser visto*)

Inda verás, grande Arnaldo,
Que um caçador a caçar
Deve temer, temer muito
A própria rede que armou,
Para nela não tombar.

ARNALDO (*chegando a Marca,*
quer abraçá-la)

Querida minha ...

MARCILIA (*repelindo-o*)

Canalha!

ARNALDO

Que ferinha estás, Marcília!!!
Por que, Marcília, por que
Não queres casar comigo?
Em São Paulo terás carro,
Casa grande com criadas,
Vestidos belos, amor,
Enfim, tudo o que quiseres
Terás, sendo minha esposa.

MARCÍLIA

Antes morrer duas vezes
Que contigo me casar.

ARNALDO

Pois bem, tu, pombinha, esperas
Casar-se co' o magro Alceu?
Pobre iludida que estás!
Alceu contigo brincou.

Sabes mais, querida amiga,
Que se não casares tu
Comigo, por certo estás
Para sempre desgraçada.

MARCÍLIA (*sarcástica*)

Por acaso, tu me matas?

ARNALDO (*calmo e sorrindo*)

Não, apenas, queridinha,
Eu mostro esta tua meia,
Como este pequeno lenço
Para a aldeia, em que vivemos.
Direi, senhora, que um dia
Dormiste no quarto meu
E que um descuido qualquer
Fez esquecer-te esta meia.
No meu leito de solteiro.
Quanto ao lenço, bem direi
Ser ele a prova cabal
De que me adoras e tanto,
Pois me deste este lencinho,
Como presente de amor.

MARCÍLIA

Canalha!... Como foi que
Conseguiste minhas coisas?
Ladrão, ladrão descarado,
Devolva-me tudo aquilo,
Que roubaste em minha casa.

ARNALDO

Bobinha és, minha pomba.
Queres comigo casar-te?

MARCÍLIA

Nunca, canalha, jamais.

ARNALDO

Pois bem, todos cá irão
Conhecer a minha história.

MARCÍLIA

Ninguém acreditará.

ARNALDO (*rindo*)

Veremos...
Talvez a minha
Proposta poupe tamanho
E descabido falar.

MARCILIA (*furiosa avança*)

Tu mereces apanhar!

ARNALDO (*abraça-a como louco*)

Já que não queres ser minha
Por bem, por mal serás minha.

MARCÍLIA (*lutando*)

Socorro, meu Deus, socorro.

Cena IV – CARLOS, MARCÍLIA, ARNALDO E MÁRIO

MARIO (*chega neste instante*)

Quem é que grita tão doida,
Como estando perseguida?
(olhando, vê Marcília)
Ó, Meu Deus, é minha irmã,
Que está sendo violentada!

MARCÍLIA (*vendo Mário*)

Socorro, Mário, Socorro!

ARNALDO (vendo-o quer fugir)

MÁRIO (*derrubando-o com um soco,
prende-o*)

Canalha...

ARNALDO

Ai.

MÁRIO

Cão!

ARNALDO

Perdi-me.
Que foi, mana, que este homem
Queria fazer contigo.

MARCÍLIA (*chorando*)

Ele queria beijar-me,
Como quer me difamar.

MÁRIO (*dando um murro em Arnaldo*)

É verdade o que ela diz?

ARNALDO

Vi... larga-me, se não eu
Não consigo dizer nada.

MÁRIO

Fala, pois, seu vil canalha!

ARNALDO (*afoitamente*)

Sua irmã passou comigo
Uma noite e prometeu-me
Ser hoje, minha senhora.

MARIO (*estupefato*)

Mas que, Marcília, é verdade?

MARCÍLIA (*chorando*)

É mentira, Mário, crê-me.

ARNALDO

Olha cá um pé de meia.
Que prova, Mário, o que digo
É nada mais que a verdade.

MÁRIO (*avança contra Marcília*)

Vil mulher! Sai tu daqui!
(*e vai espancá-la*)

ARNALDO (*aproveitando, tenta fugir*).

Cena V — CARLOS, MARCÍLIA, ARNALDO, MÁRIO E
LAURA

CARLOS (*segurando o (-Mão)*)

Silêncio, amigos, silêncio
(*todos param*)

MARCÍLIA (*suplicante*)

Ó Carlos, meu Carlos, salva-me,
Por nossa pura amizade,
Somente tu neste instante
Pode acalmar meu irmão.

CARLOS (*com um gesto pede silêncio*)

Eu, Mário, sou teu amigo
Há muito tempo, bem sabes.

MÁRIO

Não discuto, Carlos, isto.

CARLOS

Pois bem, amigo, ouvi tudo,
Que este Arnaldo disse a minha
Formosa amiga Marcília.

(Arnaldo empalidece)

Mas antes vou te contar
O que Arnaldo fez conosco
Nesta tarde de domingo.
Alceu, Mário, é teu patrão,
Desde há momentos, não é?

MÁRIO

É verdade o que me dizes.

CARLOS

Pois bem, Alceu quis casar-se
Com tua irmã, este mês;
Porém, quando foi fazer
À tua mãe o pedido,
Este cão que bofeteaste
Contou ser Marcília amante
Sua já faz muito tempo.
Alceu ficou tão batido
Que não quis com ninguém mais
Falar desde o sucedido.
Mas não ficou nisto a ação
De Arnaldo, que p'ra Marcília
Disse que Alceu se casava,
Quando fosse p'ra São Paulo,
Com uma moça, Maria,
Bondosa amiga de Alceu,
Que lhe mandou uma carta
Esta manhã, convidando-o
Para a comemoração
De seu feliz casamento
Com um coronel do Exército.

MARCILIA

Ó bom Carlos, eu não creio
Em tanta alegria junta.

MÁRIO

Mas, amigo, não contaste
De onde veio o pé de meia.

CARLOS

Acontece que, há momentos,
Passando cá, solitário,
Vi Marcília vir chegando
Acompanhada de Laura.
P'ra não ser visto escondi-me
Atrás deste belo arbusto.
Ouvi Marcília chorar
Saudades do nobre Alceu.
Foi quando Laura voltou
Ao rancho, à beira do lago,
Que este Arnaldo cá chegou.
Quis propor o casamento
À Marcília, porém como
Nada dela conseguiu
Lançou mão do estratagema.
Que usou, Mário, contra Alceu.

LAURA (*chega*)

Marcília amiga, o teu lenço
Não consegui encontrar.
Tua mãe, porém, Marcília,
Está bastante amolada,
Pois a tua meia branca,
Que lavou esta manhã
Foi roubada do varal.

ATO V

Cena I — CARLOS E EDUARDO

CARLOS

Eduardo, bom amigo,
Tu conseguiste encontrar
Alceu em minha fazenda?

EDUARDO

Meu Senhor, não foi possível
Encontrá-lo em sua casa.
Mas eu fui até o bar,
Que fica em frente à fazenda
Do bondoso amigo Alceu.
Alceu lá não mais estava,
Soube, entretanto, de Paulo,
Aquele velho caixeiro,
Que, desconsolado, Alceu,
Não podendo se sustentar
Resolveu fugir daqui,
Nesta tarde ensolarada.
Deverá partir no trem,
Que aqui chega pelas seis.

CARLOS (*olhando o relógio*)

Pois chega o trem às 6 horas?

EDUARDO

Perfeito, meu bom patrão.

CARLOS

Faltam justamente cinco
Minutos p'ra qu'ele chegue.
Vamos, amigo, não percas

Mais tempo, em cá conversar.
Vê se o alcança inda agora
E não o deixes partir.

EDUARDO

Até já, patrão.

CARLOS

Até ...

(monologando)

Bem veremos, Senhor Carlos,
O que deve acontecer
Quando o nosso grande Alceu
Souber das novas felizes.

*(olhando adiante vê
João e Mário chegando)*

O João vem junto com Mário
Arribando nestas bandas.
Terão, por certo, notícias.
Esperemos p'ra saber.

Cena II — CARLOS, JOÃO E MÁRIO MARIO

Meu bom Carlos, encontrei,
Quando vinha para aqui,
Este meu amigo velho,
Que é de Arnaldo companheiro.
Talvez nos explicará
As causas destes boatos,
Que correram por aí
Sobre minha irmã Marcília.

JOÃO

Até pareces, meu Mário,
Estares me intimando!

CARLOS

Que estupidez, meus amigos
O que é feito, feito está.

Entretanto, caro João,
Que te disse o “grande Arnaldo”?

JOÃO

Apenas me disse o “grande”
Que uma vez, quando de tarde
Pelo lago passeava,
Viu Marcília fresca e nua
Banhando-se n’água pura.

MÁRIO

Que te disse o canalhão?

JOÃO

Aquilo, meu caro Mário,
Que acabaste de escutar.

MÁRIO

Bem te dissera,
Meu Carlos,
Que este Arnaldo era um estúpido.
Imagina assim falar
Da honra de uma mulher,
Inda mais, quando bem sei
Que Marcília jamais foi
No lago banhar-se nua,
Pois ela, meus bons amigos,
Teme as cobras como aos sapos.

(há uma pausa)

Mas a meia, caro João,
Como foi qu’ele arrumou?

JOÃO

Disse-me ele que, no dia
Que no banho tua irmã
As formas nuas banhava,
As roupas brancas da bela
Sobre as margens, descuidadas,

Vira perto de si mesmo.
Roubou-lhe, então, uma meia.
Disse mais o meu amigo,
Que tua irmã ao se ver
Pilhada de um pé de meia,
Pôs-se triste a soluçar.

MARIO

Quanta mentira, meu Deus,
Imaginar minha irmã
A chorar um pé de meia.

CARLOS

Em resumo, bons amigos,
Onde estará, meu Arnaldo?

MARIO

Dei a Paulo, que o segura
Preso em minha moradia.
Quando Alceu aqui voltar
Veremos o que fazer.

CARLOS

Pois olhem que lá vem ele.

Cena III: CARLOS, JOÃO, MÁRIO, EDUARDO E ALCEU

ALCEU

O que, meus amigos, houve
Para impedirem-me assim
Que partisse destas terras?
Que diabo! Não sou eu
O senhor do meu nariz?
Este infeliz fez-me à força
Sair do trem, que partia,
E cá me trouxe arrascado,
Como sendo um animal. Afinal!
O que há de novo?

Se não forem boas novas
Eu juro, por minha vida,
Que pagará cada um.
Inda mais as minhas malas
Foram no trem p'ra São Paulo
E penso ser bem provável
Que não mais encontrarei-as.
Falem, senão eu estouro.

CARLOS

Mas que fizeste, Senhor,
Senão estourar comigo.
Escuta em silêncio e dize-me
Se valeu ou não a pena
Perder três malas de roupas.
(há uma pausa)
Gostavas tu de Marcília?

ALCEU

Pouco m'importa isto agora
E se, em verdade, és amigo
Dest'outro amigo marcado,
Não toques mais, por favor,
No nome desta mocinha.

CARLOS

Pois bem, para te amolar
Vou nela falar agora
Ouve...

ALCEU

Que assim seja ... Fala.

CARLOS

Arnaldo, o teu grande amigo,
Que dizes nobre e sincero,
Que foi teu sócio em São Paulo
E que, chorando, contou-te

Que era amado por Marcília,
Pois bem, amigo, este Arnaldo
É sim um bom mentiroso.

ALCEU

Que?

CARLOS

Sim é verdade, Alceu.
Sabes tu o que te disse
Aquele grande tratante
É tudo mentira, é tudo.

(há uma pausa)

Marcília jamais o amou
E quando o senhor a viste
Estava sim debatendo
Para fugir deste Arnaldo.
A história que te contou
Este grande mentiroso
É comovente, mas falsa.
Marcília jamais dormiu
No seu leito de solteiro.

ALCEU

Mas é ...

CARLOS

Silêncio que falo.
A meia que te mostrou.
Foi roubada do varal
Da casa do lago à tarde.
E o lenço que possuía
Fora achado esta manhã
Neste local por Arnaldo
E pelo amigo que é o João.

ALCEU

Ai, amigo, isto dizendo
Morro de felicidade!

CARLOS

Mas finda não acabei
Este romance pungente.
Arnaldo disse querer
Casar-se com a Marcília.
Par'ela inventou, portanto,
Um'outra grande mentira.
Disse-lhe que tua partias
Para São Paulo amanhã
Tão somente porqu'írias
Casar-te com a Maria.

ALCEU

Com Maria?

CARLOS

Com Maria!

ALCEU

Grande pilantra era aquele.
Bem merecia apanhar.
Mas chegando eu em São Paulo
Vou demiti-lo do posto,
Que ocupa junto de mim.

MÁRIO

Eis que chega a turma inteira.

Cena IV — CARLOS, JOÃO, MÁRIO,
ALCEU, EDUARDO, MARCILIA,
LAURA E PAULO

JOÃO (sem ser escutado)

Agora, sim, é que as coisas
Ficam pretas p'ro meu lado.

CARLOS

Bem, amigos, estão cá
Todos estes personagens
Do nosso pungente drama
(há uma pausa)
Porém Arnaldo, que é dele?
Onde, meu Paulo, o deixaste?

PAULO

Bem, meu patrão, a questão
É me bastante difícil
Cá te poder explicar,
Principalmente porque
Duas moças são presentes.

MÁRIO

Deixa tu de circunlóquios
E conta o que aconteceu.

PAULO:

Bem, Mário, sabes tu
Que sou forte, mas não muito
E que ficando de guarda...
Eu... então... ah sim, me lembro
Parece... o que... bem... não sei.

MÁRIO

Fala sem tu te perderes.
Enfim o que sucedeu?

PAULO

Afinal sucedeu isto:
Arnaldo acertou-me em cheio
No rosto um belo direito,
Que beijei sem ter querido
O duro chão da fazenda.
Depois largou a correr
Que quando eu atordoado

Levantei-me para que
Perseguisse-o, inda meio
Tonto pelo forte golpe,
Não mais o vi... Que fazer?

MÁRIO

E todo este corpo, amigo,
Tombando frente a um raquítico!

PAULO

Foi por isto que eu não quis
Contar-te o que aconteceu.

MÁRIO

Bem, não faz mal, caro Paulo.

CARLOS

Mas, enfim, todo este drama
Feito foi pelos dois pombos,
Que estando entre nós, ainda
Permanecem taciturnos.
Vamos, belos, qu'inda esperam?

ALCEU

Marcília, soubeste tudo
Que entre nós aconteceu?.

MARCÍLIA

Sim, Alceu, soube de tudo.

ALCEU

Não restas mais ressentida
Comigo, linda menina?

MARCÍLIA

Não, Alceu, não mais estou.

ALCEU

Queres ser minha senhora?

MARCÍLIA (*baixando a cabeça*)

Sim, se assim tu o quiseres.

ALCEU

Pois bem, meu amigo Mário,
Eu peço-te, agora, a mão
De Marcília Tu consentes?

MÁRIO

Que dúvida, Alceu, que dúvida.

ALCEU

Desde agora és minha noiva.
Irei amanhã embora,
Mas dentro de uma semana
Estarei eu cá de volta.
E, então, Marcília formosa
Serás minha para sempre.

PAULO, JOÃO, CARLOS, MÁRIO,
LAURA E EDUARDO

Bravos, meus amigos, bravos.

CARLOS

Bem vamos comemorar
O dia na minha casa:
Todos vamos para lá.

JOÃO

Eu não posso, amigo Carlos,
Tenho qu'ir à minha casa,
Que me esperam às seis horas.

PAULO

E eu também, meu grande amigo,
Mas, enfim, depois talvez
Por lá inda dê as caras.

MÁRIO

Então, amigos, espero.

Cena V — JOÃO E PAULO

JOÃO

Ufa! Desta me escapei,
Nunca mais eu entro n'outra.

PAULO

Sem mesmo saber, amigo,
Sobre o que falas, te digo
Que eu, também, bem escapei
De uma enrascada das grandes.

JOÃO

Mas, amigo, e desde agora
Que Arnaldo se foi te digo:
“És o meu Melhor amigo”
Que enrascada foi a tua?

PAULO

Uma grande, mas contudo
Eu bem te peço sigilo
Pelo que te vou contar

JOÃO

Antes deixa-me falar
(há uma pausa)
Sabes, Paulo, sabes bem
Que fui amigo de Arnaldo.

PAULO

já sabia, caro João.

JOÃO

Pois bem o drama formado
Foi fruto de um incentivo
Partido deste pilantra,
Com quem conversas agora.
Viste, pois, porque sorri
Quando vi-me sem perigo.

PAULO

Ah! Ah! Ah! Como esta é boa,
Porém não melhor que a minha.
Sabes tu por que também
Senti-me feliz por ter-me
Fugido destes amigos?

(João abana a cabeça)

É que Arnaldo me fugiu,
Não por ter-me dado um soco,
Mas sim por dado me ter
Mil cruzeiros inda novos.

JOÃO

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Grandes tratantes que somos,
Vamos também festejar
As nossas manhas num bar,
Com três ou quatro cachaças
Em memória ao caçador
Que na caça foi caçado.

FIM